HISTORIADORA DESENVOLVE ESTUDO SOBRE PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES

PVNC foi crucial para inserir milhares de jovens da Baixada Fluminense, Zona Oeste e favelas cariocas na universidade.

No ano de 1993, surgiu na Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro, um movimento social que atuou diretamente no acesso de jovens pobres, em geral, negros e negras, nas universidades. Na época, não existiam políticas de ações afirmativas de ingresso ao ensino superior, e o Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), bem como outras iniciativas populares, muitas delas ligadas a organizações que compõe os movimentos negros, foram as primeiras ações coletivas da década que mostraram o quão desigual era o ambiente universitário.

O movimento foi gestado na cidade de São João de Meriti, a partir da colaboração entre leigos, religiosos dos Agentes Pastorais Negros (APNs) e alguns jovens educadores populares. A professora universitária e historiadora Maria Cláudia Cardoso Ferreira está desenvolvendo um estudo com a intenção de registrar a memória e a história do Pré-Vestibular para Negros e Carentes partindo dos vínculos e práticas construídas nos diversos núcleos que existiram no estado do Rio de Janeiro.

Se nos primeiros anos o objetivo maior do PVNC era preparar os/as estudantes, em sua maioria moradores de regiões periféricas do Rio de Janeiro, para o ingresso na universidade e para a compreensão dos problemas sociais que lhes afetavam, como as desigualdades de raça, classe e gênero, nos anos seguintes passou também a problematizar as políticas de acesso de pessoas negras e pobres às universidades. Os ativistas abriram mandados de segurança contra os processos pouco transparentes e democráticos de isenção de taxa nos vestibulares da maioria das universidades do estado, se colocaram ao lado do movimento negro para reivindicar um percentual de vagas para pobres e negros nas instituições de ensino superior (as cotas), questionaram os processos seletivos e de concessão de bolsas nas instituições confessionais como a PUC-Rio, fazendo com que esta e outras instituições revisitassem suas políticas de filantropia, dentre outras ações.

A atuação do movimento negro e de outros movimentos sociais de base popular, como é o caso do PVNC, foi importante por chamar a atenção nas mídias e na sociedade em geral para esses problemas. Formado por uma rede de cursinhos, o PVNC chegou a ter cerca de 70 núcleos espalhados por várias regiões do estado no ano de 1999, segundo pesquisa do geógrafo e professor da UFRJ, Renato Emerson dos Santos.

A virada dos anos 1990 para os anos 2000, foi marcada por ações coletivas fundamentais para reduzir as desigualdades sociais e raciais e contribuir para consolidar a democracia brasileira. Entre 31 de agosto e 08 de novembro de 2001, ocorreu em Durban, África do Sul, a Conferência Mundial da das Nações Unidas contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas. Na ocasião, diversas entidades mandaram representantes para participar das atividades da conferência, incluindo o PVNC. Um consenso estabelecido entre o Estado brasileiro e os ativistas das entidades que lá se encontravam foi a necessidade de instituir metas e medidas para a correção das desigualdades entre os grupos raciais que compõem a sociedade brasileira. O acesso à educação superior e ao mercado de trabalho foram definidos como prioridades.

Assim, respondendo às mobilizações locais, nacionais e internacionais, no ano de 2001, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) se destacaram no cenário nacional como as primeiras instituições de ensino universitário a aprovarem o ingresso por cotas para negros e pobres no país. Em 2002, foi a vez da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) aprovarem ações afirmativas de ingresso. No ano de 2003, a Universidade de Brasília (Unb), mobilizada pelo caso Ari, se sobressaiu como a primeira instituição federal a deliberar a favor das cotas na universidade.

O movimento PVNC e outras iniciativas de cursos populares (alguns apenas com recorte de raça, outros de classe e raça), foram fundamentais nesse processo. Eles lançaram mão de repertórios diversos e criaram fatos políticos com a finalidade de constranger o Estado a adotar políticas afirmativas. O Programa Universidade para Todos (Prouni) e outras políticas de assistência, implantadas pelo Ministério da Educação e pelas instituições de ensino superior, tiveram forte influência desses movimentos que reivindicam a democratização do acesso à universidade, pois alguns militantes foram trabalhar diretamente para o Estado ou passaram a dar consultorias com a finalidade de instituir essas políticas.

A pesquisa da professora universitária e historiadora Maria Cláudia Cardoso Ferreira objetiva analisar a trajetória do Movimento PVNC no contexto apresentado acima, partindo dos vínculos e práticas construídas nos diversos núcleos que existiram no estado do Rio. Portanto, caso tenha participado de alguma das ações e atividades do PVNC (não importa o tipo de participação), por favor, responda o questionário no link abaixo:

https://forms.gle/h4WY7t4yYiETqozN8

Caso você não tenha participado, mas conheça alguém que fez parte do PVNC, é só repassar o link.

É muito importante que possamos registrar as diversas e muitas histórias do Movimento Pré-Vestibular para Negros e Carentes.

Obrigada!